



Memórias da Vila Dique

**“Porque a vida é mutirão de todos, por todos
remexida e temperada”. João Guimarães Rosa**



Memórias da Vila Dique

Organizadores:

Carmem Zeli de Vargas Gil

Christiane Silveira Kammsetzer

Débora Wobeto

Lourenço Stefanello Teixeira

Maria Amélia Medeiros Mano

Naiara Müssnich Rotta Gomes de Assunção

Renata Soares Costa



2012

© Organizadores - 2012

Editoração: Oikos
Revisão: Mardilê F. Fabre
Capa e arte: Juliana Nascimento
Impressão: Editora da UFRGS

Equipe do projeto Memórias da Vila Dique:

Almerinda Gambin - GHC
Christiane Silveira Kammsetzer - PPG Psicologia Social/UFRGS e GHC
Débora Wobeto - Curso de Ciências Sociais da UFRGS
Lourenço Stefanello Teixeira - Curso de História da UFRGS
Magda Mattos - GHC
Naiara Müssnich Rotta Gomes de Assunção - Curso de História da UFRGS
Renata Soares Costa - Curso de História da UFRGS
Rafael Antunes do Canto - Curso de História da UFRGS

Coordenação do projeto:

Carmem Zeli de Vargas Gil - FACED/UFRGS
Maria Amélia Medeiros Mano - GHC

Esse Projeto foi realizado com o apoio do PROEXT - MEC/SESu
e do Programa de Fomento a Extensão 2012 da UFRGS

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 - Bairro Scharlau - Caixa Postal 1081
93121-970 São Leopoldo/RS - Tel.: (51) 3568.2848 - Fax: (51) 3568.7965
contato@oikoseditora.com.br - www.oikoseditora.com.br

M533	Memórias da Vila Dique / Carmem Zeli de Vargas Gil... [et al.] (organizadores) - São Leopoldo: Oikos, 2012. 71 p.; 16 x 23 cm. ISBN 978-85-7843-279-9 1. Memória. 2. História. 3. Vila Dique. 4. Porto Alegre. I. Título. II. Gil, Carmem Vargas Zeli de. III. Kammsetzer, Christiane Silveira. IV. Wobeto, Débora. V. Teixeira, Lourenço Stefanello. VI. Mano, Maria Amélia Medeiros. VII. Assunção, Naiara Müssnich Rotta Gomes de. CDU: 981.651
------	--

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

DEDICATÓRIA

*Este é um trabalho coletivo,
porque é sempre com os outros
que fazemos nossa vida cotidiana.
É dedicado aos moradores que,
com força e esperança, fizeram a Vila Dique
e fazem o Porto Novo.
Agradecemos pelas muitas lições de sensibilidade!*

*Equipe do projeto Memórias da Vila Dique
Dezembro de 2012*

Dedicamos essa obra
também ao grande
mestre
que marcou a história
do galpão de separação
de resíduos sólidos da
Vila Dique e outros
galpões
de Porto Alegre.
Hoje, em outro plano,
continua
a nos inspirar com suas
palavras e ações.



“Diria que nos tornamos seres de diálogo com nossos objetos de pesquisa na medida em que, ao longo do trabalho investigativo, explicitamos – em primeiro lugar para nós mesmos – os pressupostos que sustentam nosso fazer investigativo. Ao mesmo tempo, há que se exercer o diálogo com nossos pares, não só na etapa de construção de projetos, mas ao longo do processo e, depois, na socialização de seus resultados. Entretanto, aí, implicitamente, há uma condição prévia: a coragem de revelar nossas incertezas associadas à paciência de lidar com ideias contrastantes ou mesmo antagônicas.”
(FISCHER, 1999, p. 10)



MEMÓRIAS DA VILA DIQUE

“A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam”. Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 115.

Primeiras palavras...

Difícil pensar como dizia o poeta: “Caminhante, não há caminho, há caminho ao andar...”. Ou, o caminho existe, mas posso encontrar outros caminhos caminhando. Parece que precisaríamos de um roteiro, um mapa, para nos orientarmos neste entrelaçamento de emoções e vivências que marcam a construção desse álbum de memórias da Vila Dique.

José Machado Pais¹ diz que os pintores impressionistas tentavam deter na tela instantes da vida, através da itinerância da luz e da sombra. Fugindo do traço rígido que comporta uma realidade precisa, os impressionistas utilizavam pinceladas curtas e manchas descontínuas de aquarelas multicores. Monet procurava captar diversos momentos da mesma paisagem, na perspectiva de que ela é sempre outra quando vista sob outra luz.

Nesta ordem de ideias, há uma semelhança entre os impressionistas e os pesquisadores, quando estes buscam, sob diferentes formas, olhar para a realidade pesquisada na esperança de fazer e se fazer. Os itinerários que produziram essa obra foram, em muitos sentidos, encontros: com crianças, jovens, mulheres e homens, moradores da Vila Dique; com agentes comunitários de saúde, psicólogos, biólogos, médicos, residentes, estudantes da área da saúde e tantos outros profissionais da Unidade de Saúde Santíssima Trindade do Grupo Hospitalar Conceição; com os jovens estudantes dos cursos de História e Ciências Sociais da

¹ PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

UFRGS; com o artista Flavio Scholles... Encontros que problematizaram preconceitos e que nos possibilitaram ver que *eles mesmos são sempre outros quando vistos* por muitos “olhos”. Constituiu-se num importante processo de aprendizagem que amplia a responsabilidade ética e política com a educação e a extensão popular.

Um encontro que tomou como inspiração os estudos sobre memória e, lembrar-se não é um ato isolado, mas provocado por pessoas ou coisas, as rodas de memórias se constituíram em possibilidades ricas para construir histórias da Vila Dique. As rodas permitiram conhecer uma diversidade de pontos de vista sobre as experiências dos moradores, evidenciando posições perante a vida.

Nas entrevistas individuais, buscou-se maior aprofundamento das questões que emergiram nas rodas de memórias, mesmo cientes de que as entrevistas pareciam pretender chegar ao não visto ou ao entrevistado. Como diz o sociólogo José Machado Pais, “O entrevistado é justamente o ‘visto imperfeitamente’, o ‘mal visto’, o apenas ‘previsto’ ou ‘pressentido’” (1993, p. 82).

Grande foi a preocupação ética, pois pessoas não são papéis² e, sabendo que tudo aquilo que for escrito poderá lançar luz ou sombra sobre as pessoas, procurou-se explicitar os objetivos do projeto e os possíveis usos que se fariam, sendo fiel não apenas às palavras dos entrevistados, mas ao sentido da entrevista, ou seja, que arte de si os moradores tentavam construir.

² AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e História Oral. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 15, abr. 1997, p. 145-55.

As fotografias foram produzidas nas reuniões de estudos, nos encontros informais na Vila Dique e, principalmente, nas oficinas de fotografia com os moradores que aceitaram caminhar na Vila Dique e no Conjunto Habitacional Porto Novo olhando o mesmo que, às vezes, era outro.

Assim, nos territórios da pobreza a memória se configura como um espaço de resistência e, em tal situação, algumas lideranças dessa comunidade demandam um espaço para contar suas histórias e guardar o que consideram significativo. Querem falar, contar suas histórias e, ao narrar, enfatizam a vida que corre com a atuação do poder público na condução da remoção.

O que há de marcante na produção de memórias da Vila Dique é, talvez, a possibilidade de ampliação dos vínculos comunitários sustentada não na experiência coletiva de exclusão e discriminação, mas no sentimento comunitário orientado por histórias de crianças, jovens, homens e mulheres que fizeram do dique a Vila.

Mas e a Vila Dique? O que as memórias dos moradores anunciam? Que eles falem ao leitor...

ABRINDO PICADAS

“O que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo o rumo”. Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 194.



*(...) esse galpão,
que tem ali onde
era a minha
história. (Roda de
Memória II, 2011)*

Associação de
Catadoras de Lixo
da Vila Santíssima
Trindade.

Andarilhar é um exercício que mobiliza os sentidos. Supõe ouvir, ver, sentir e escolher quais caminhos percorrer. No vai e vem, às vezes, nos deparamos com trilhas, aqueles pequenos caminhos alternativos que temos de abrir, desbravar, debulhar para percorrê-lo. Abrir picadas é também cuidar o que se retira do caminho: galhos, pedras, árvores e tantas outras coisas que precisam ser contornadas para que a vida floresça ou para que chegue a algum lugar.

De Santa Rosa, Quaraí, Passo Fundo, Barros Cassal, Iraí... chegaram homens, mulheres, jovens e crianças que fizeram de um dique uma Vila e de uma rua um lugar para viverem. Um viver que parecia reduzido às dificuldades, dificuldades que fazem da vida do homem simples um tempo adiado de possibilidades. Mas o que parece o mesmo nunca é o mesmo. E, nas picadas abertas, imersos nos tempos que se adiam e se atrasam, esses homens e mulheres construíram creche, posto de saúde, galpão de reciclagem, padaria, clube de mães, escola...



Creche galpãozinho criada em 1991.

A oportunidade de morar é uma das maravilhas da vida, faz parte da vida. E quando eu fui morar em Porto Alegre, lá nas voltas do aeroporto, da Dique lá era tudo mato. (Roda de Memória III, 2012)

[...] não tinha nada ali, era uma plantação de arroz, era uma granja, criação de animal de raça. O aeroporto era só um pedacinho lá onde é o estacionamento do aeroporto, a pista ia só até lá. (Roda de Memória III, 2012)

Olha, eu vim, na verdade, não vou dizer que eu sou igual a uma andorinha, mas eu vinha na busca de alguma coisa como a andorinha que busca os seus galhinhos. Eu agora por essa época, não me lembro certo o dia, mas é esse mês, vai completar trinta anos que eu estou aqui na Dique. (Roda de Memória I, 2011)

Bah, quanta luta! Olha pra começar então, quando cheguei pra morar aqui na Dique não morei, de vereda, na rua de chão, morei aqui porque lá tu não tinha como ir, tinha que ir abrindo à foice e facão pra abrir pra chegar perto [...]. Nós de vez em quando ia pescar lá no rio Gravataí, naquela época a água do rio era limpa, hoje em dia não dá nem pra chegar perto de tanta poluição. A gente pegava peixe pra comer, mas hoje em dia não dá. (Roda de Memória II, 2011)

[...] quando vim pra cá tinha poucas casas também... Acho que não tinha nem dez casas. Aí não tinha água, não tinha luz, nós tínhamos que fazer luz... Quando não era velinha, dessas velas... era lanterna com querosene. Água nos tínhamos que carregar de balde, era só uma torneira que tinha no pátio. (Roda de Memória II, 2011)

[...] tínhamos que fazer fila pra poder lavar a louça, porque a gente chegava do galpão e tinha muitos afazeres. Então também a gente se cansava de andar em conflito pra poder lavar a louça, eu era uma que fazia um barracão, porque daí eu chegava cansada, filho pra atender, casa pra limpar, e aquela fila enorme pra lavar a louça, pra lavar a roupa, toda vez aquela fila... Dava muito trabalho. (Roda de Memória II, 2011)

As crianças não estudavam, não queriam estudar, e a gente fazia uns torneios de bola. Quem participava no torneio de bola ou no jogo de bola tinha que ir no colégio, se não fosse no colégio, não jogava também. (Roda de Memória II, 2011)

“As soluções e os produtos gerados pelos grupos populares são representativos da história local, das necessidades desses grupos e constituem seu patrimônio”.³

³ CANCLINI, Nestor García. O patrimônio cultural e a construção do imaginário nacional. *Revista do IPHAN*, n. 23, p. 94-115, 1994.

CONQUISTAS

“Uma coisa é por ideias arranjadas, outra é lidar
com país de pessoas, de carne e sangue,
de mil-e-tantas misérias...” Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 31.



Unidade de Saúde Santíssima Trindade, construído em 26 de julho de 1992.

A história da Vila Dique é comum a muitas comunidades brasileiras, nascendo de uma ocupação e crescendo de dentro – lutando para não ficar para sempre às margens, de uma cidade, de um aeroporto, de uma sociedade. Essas lutas e conquistas estão preservadas nas memórias dos que um dia chegaram a Porto Alegre em busca de melhores condições de vida. Nada lhes era dado, a não ser com muito esforço. Assim se formou a Dique – a Dique das lutas, a Dique das mulheres, do Clube de Mães, do Galpão e do Galpãozinho – a Dique das memórias de cada morador da antiga vila.

Daí eles vieram aqui e se acertaram, porque não tinha outro meio onde morar. Então, isso aí não foi uma invasão. Isso aqui foi uma conquista, eu calculo, do povo que veio morar nessa vila. (Roda de Memória I, 2011)

Nós começamos a trabalhar no pátio, pra cá e pra lá, nós não tínhamos como trabalhar com papel, daí ele adquiriu um caminhãozinho, um 608 naquela época, o motorista era um frei, lá de cima da igreja, ele que dirigiu o caminhão. A cada 15 dias nós íamos lá na igreja, lá em cima, pra buscar o material que o povo levava durante a semana lá, depositava pra nós buscarmos lá e classificar, e assim que foi adquirido esse galpão seletivo, o outro não tá mais aqui, mas tá lá na área nova [Conjunto Habitacional Porto Novo] funcionando. (Roda de Memória II, 2011)

E nós chegamos a um consenso que seria Clube de Mães Margarida Alves, pela história. Acho que isso daí todos vocês sabem que Margarida Alves morreu lutando pelo povo, e nós continuamos lutando pelo povo [...]. (Roda de Memória I, 2011)



Clube de Mães Margarida Alves, criado em 1990.

Eu lembro que nós usamos como tema naquela época para conseguir a escola, tu lembra qual foi? “Abra uma escola, feche uma prisão”. (Roda de Memória I, 2011)

O Chico pão começou também por nós do clube de mães. A irmã Cristina esteve procurando convênios, e daí como nós não tínhamos as máquinas, não tinha o forno pra assar, não tinha as máquinas pra bater, então a gente começou fazendo com uns baciões as massas. E o meu marido aprendeu a fazer um forno de tonel, tijolo e barro, ele fez e ali começamos a assar os pães. Eu tenho até a foto dele com o forno. Eu ajudei também a amassar o barro um pouco. (Roda de Memória II, 2011)

Quando eu olhei pela primeira vez esse projeto do posto, sinceramente, quando eu olhei pela primeira vez na mesa o projeto do Posto de Saúde, eu fiquei pensando assim no primeiro posto que a gente teve. Era uma casinha de um morador, que cedeu, era uma tabuinha em cima da outra e os médicos estavam ali atendendo. (Roda de Memória III, 2012)

TERRITÓRIO OCUPADO,
TERRITÓRIO CONSTRUÍDO
- I -

“Mas liberdade – aposto – ainda é só alegria de um
pobre caminhozinho, no dentro do ferro
de grandes prisões”. Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 323.



O povo foi se juntando, foi trocando ideias e buscando soluções pra melhoria da turma. (Roda de Memória II, 2011)

Ocupar e transformar um dique. Entre o dique, o aeroporto e o mato, o espaço transforma-se de inabitável a habitável, constituindo um território. “O território define-se antes de tudo com referência às relações sociais em que está mergulhado, relações estas que são sempre, também, relações de poder”.⁴ No encontro entre espaço e poder, vidas se fazem, forjam-se lutas e também laços afetivos, modos de ser. Transforma-se o mato em cidade, preservando a história, a origem rural. Constrói-se um jeito de viver na cidade, de se relacionar com a cidade, um modo singular. Território que, mesmo heterogêneo, tornou-se comunidade, vila, “Vila Dique”.

Apropriando-se do espaço...

M: Eu lembro até, uma pena que o seu Antônio não está aqui. Porque o seu Antônio é um dos primeiros moradores que vieram morar aqui, que começaram a morar aqui, invadir, morava ali ainda onde tem uma parte ali da filha dele...

L: Invadir não, ocupar!

M: Isso!

L: A diferença entre invadir e ocupar é que invadir é que já é de alguém e ocupar é ocupar o que está vazio!

⁴ HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. et al. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

S: *Primeiro pode ser que invadiram, mas nós estávamos ali porque compramos!*

M: *Eu também comprei, eu também comprei!*

H: *Compras e vendas aqui também a gente sabe que era irregular.*

L: *É que na verdade as compras foram feitas...*

S: *O meu marido veio na frente. Fez negócio e eu não quis nem saber. Porque lá em Santa Rosa eu tinha escriturado em casa boa e tudo. Aí ele vendeu lá por causa dos guris para trabalhar, e eu cheguei ali e pensei também que era escriturado e...*

M: *Eu também fui enganada! (risos).* (Roda de Memória I, 2011)

Primeiro foi fundada a igreja. Quando eu cheguei já tinha a casinha pequeninha. Depois elas começaram a trabalhar com clube de mães dentro. Logo em seguida ganharam a igreja grande, daí já foi aumentando, [...] creche, galpão, depois padaria, escola... fomos comprar batalha com o terreno do posto também. (Roda de Memória II, 2011)

Começou médico lá em cima, lá na ponta. Aí depois conseguimos aqui, onde tá o posto hoje. Primeiro era uma casinha pequena, de madeira, que era o posto. (Roda de Memória II, 2011)

As interações fundantes da territorialidade residem na capacidade histórica dos atores sociais de imprimirem novos usos políticos, econômicos e de gestão ao chão dos seres humanos.⁵

⁵ RUCKERT, A. & MISOCZKY, M. C. Território vivido, território em mutação. In: PDG-UFRGS. *Estratégias de organização de atenção à saúde*. São Paulo: Editora DACASA, 2002.

TERRITÓRIO OCUPADO,
TERRITÓRIO CONSTRUÍDO
- II -

“Mas liberdade – aposto – ainda é só alegria de um
pobre caminzinho, no dentro do ferro
de grandes prisões”. Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 323.



Comunidade construída nas diferenças

Além da gente lutar pelas melhorias enquanto a gente tava ali... era saibro pra estrada de chão, pra passar máquina lá pra diminuir os buracos, as dificuldades que eles tinham lá. Então a gente fazia pedido de saibro, a gente fazia pedido de remendo na faixa, porque daí dava aqueles buracos, os carros passavam e jogavam água, ou às vezes, até estragavam os carros mesmo. Então enquanto a gente tava lutando pelo reassentamento, a gente também tava lutando pelas melhorias. [...] E os grandes empresários da Dique eram aqueles que pisavam em cima daqueles que tentavam sair do buraco. A associação de amigos e moradores comprou essa briga e a partir dali eu comecei a [ser] pisoteada mesmo, como 'ah, tu te vendeu pro governo! Tu tá ganhando isso... (Roda de Memória III, 2012)

Bailes, diversão, construção de laços...

E fizemos muitos bailes ali. Baile a gente fazia muito. A gente promovia bailes e a gente cobrava ingresso, e às vezes até a gente ia de segurança, [...] nós nos revezávamos. Nós éramos segurança, nós não segurávamos ninguém, mas pra não dar briga. (Roda de Memória II, 2011)

“As relações que os grupos mantêm com o seu meio não são somente materiais, são também de ordem simbólica”.⁶

⁶ CLAVAL, P. O Território na Transição da Pós-Modernidade. In: *GEOgraphia*, n. 2, vol. 1, p. 7-26, 1999.

**Criação de porcos: meio de subsistência.
Problema de saúde pública?**

Como meio de sobreviver foi fundado tipo um mangueirão lá embaixo, onde fornecia o trabalho pra gente poder trabalhar, pra poder manter o alimento em casa. Daí esse senhor que não tinha mais dinheiro, então ele tinha bastante porco, daí ele contratava nós pra trabalhar pra ele. (Roda de Memória II, 2011)

A gente buscou soluções pra que não continuasse a acontecer isso. E os porcos foram assim né, através do povo se interessar, porque começou a vir mais gente morar ali e aí não tinha como. Como é que tu vai criar porco perto de onde tinha criança, a saúde, a higiene né. E o povo não queria largar de criar porcos e aí começou aquela lida, através do pessoal do posto, do pessoal da saúde que foram procurando recursos. (Roda de Memória II, 2011)



O TRANSITÓRIO E O PERMANENTE

“Natureza da gente não cabe em nenhuma
certeza”. Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 433.



Eu acho que uma das coisas importantes também é que desde que a gente veio morar na Dique, nós sabíamos que um dia a gente iria ser removido daqui. Mas, mesmo assim, quando nós íamos na prefeitura ou vinha as pessoas para cá, para fazer reunião, que nós buscávamos as melhorias para a vila, o pessoal dizia: “Mas não adianta, a vila vai ser removida, e depois vocês vão fazer o quê?” Então, nós dizíamos, enquanto a vila continua, nossas crianças precisam de educação, saúde, os direitos que temos, como os de ser humano. E nós nunca desistimos disso fomos em busca, e quando começou a negociação da vila sai, não sai, vai para onde não se sabia, nem como, uma das coisas que a gente sempre esperava ter era garantir os direitos. E as conquistas que nós tivemos aqui, então. (Roda de Memória I, 2011)



Colheita das Batatas
Flavio Sholles

Na verdade, eu acho que ninguém veio aqui com a ideia de ficar aqui. Eu acho que o povo veio com uma, como que eu vou dizer assim, com uma maneira que não tinha outro lugar, não acharam outro lugar onde poder morar. (Roda de Memória I, 2011)

Aqui não, aqui tem mais espaço, tem condições de planejar alguma coisa e o que tu planejar sabe que pode fazer, sabe que é útil. Que não é só pra aquele momento, que vai durar pra mais tempo. O dinheirinho que sobra a gente pode aproveitar, lá na Vila não se aproveitava nada, tu investia hoje amanhã eles vinham que tu tinha que sair e saía. (Roda de Memória III, 2010)

A REMOÇÃO

“Tem diversas invenções de medo, eu sei, o senhor sabe. Pior de todas é essa: que tonteia primeiro, depois esvazia. Medo que já principia com um grande cansaço. Em minha fonte, cocei o aviso de que um suor meu se esfriava. Medo do que pode haver sempre e ainda não há”. Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 168.

Primeiras famílias da vila Dique foram transferidas

Abre-se o espaço para o prolongamento da pista do Aeroporto Salgado Filho

O primeiro passo para a extinção da vila Dique, na zona Norte de Porto Alegre, foi dado ontem. Sob forte aparato policial, o Departamento Municipal de Habitação (Demhab) removeu as primeiras oito famílias para um loteamento habitacional que está em construção na avenida Bernardino Silveira Amorim, no bairro Rubem Berta. "A previsão é de que 48 famílias sejam transferidas até o final da semana", disse a coordenadora das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) junto ao Demhab, Maria Luitza Suarez Moraes.

À medida que os moradores deixavam o local, os casebres eram colocados abaixo e os terrenos repassados aos cuidados da Infraero.

A copeira Rosemara Rodrigues dos Santos, 48, e o neto Wesley, de 9, foram os primeiros a deixar a Dique. Ao entrar no sobrado de número 2005-A, ela chorou. "Agora tenho uma casa linda. Estou feliz, porque



Moradores tiveram acesso às novas casas na avenida Bernardino Silveira Amorim

pude devolver um espaço que não me pertencia e que me serviu de moradia por 30 anos", desabafou. Outra que estava eufórica era a dona de casa Alessandra Jamaina Rodrigues dos Santos, 33, filha de Rosemara,

que passou a morar no sobrado 2005-B. Ela morava na companhia do marido, motorista de ônibus Edson Barcelos Júnior, 33, de três filhos e três animais de estimação em uma casa de dois cômodos.

Correio do Povo, 19/10/2009

<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=44162>.

Acervo: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Acervo: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Começa nesta manhã a remoção de 48 famílias da Vila Dique, zona norte de Porto Alegre, para um loteamento no bairro Rubem Berta. A perspectiva do Departamento Municipal de Habitação (Demhab) é que o trabalho seja realizado durante todo o dia. A transferência é necessária para a ampliação da pista do Aeroporto Internacional Salgado Filho, uma exigência da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac). A EPTC bloqueou o trânsito na Avenida Dique.

Nas próximas semanas, outras 88 famílias irão para o novo local. A previsão é que, até agosto de 2010, as 1478 famílias sejam removidas. O novo loteamento irá contar com escola para 1200 crianças, creche, posto de saúde, galpão de reciclagem, praça e centro comunitário.

Às vezes eu acho bom. Às vezes eu acho ruim. A gente já tá acostumado aqui. Vai ter tudo que tem aqui agora lá também... Vai ser bom, o certo seria melhor! (Roda de Memória II, 2011)

E o que eu acho da nossa saída daqui? Eu não acho muito bom, porque aqui, apesar de todos os sofrimentos, agora ultimamente tem prosperado pra nós. Abundância... Porque o posto nós também não tínhamos. Foi contada a história, é verdadeiro o que eles estão contando. (Roda de Memória II, 2011)



Eles tão indo, dizendo pras pessoas, e isso é afirmação das pessoas, que se eles não venderem os carrinhos, não venderem as carroças, não venderem o cavalo e vierem pra cá, eles vão vir pra uma casa de passagem, e casa de passagem é onde moram dez famílias com o mesmo banheiro. Mas quando eles dizem vende o carrinho, vende o cavalo, eles garantem o trabalho aqui? Não. Então as pessoas tão se assustando, muita gente vendeu os carrinhos, o cavalo e as carroças e tão aqui que não conseguem emprego, não conseguem... tão trabalhando ali em obra, na obra aqui, aqui as pessoas aqui agora, olha a gente tá trabalhando de servente de obra aqui, e a gente ganha trezentos reais por mês. (Entrevista em 2011)



Construção da Escola de Educação Infantil no Conjunto Habitacional Porto Novo.

Daí eu disse “Seja o que Deus quiser”. A gente não tem nada a ver com a violência dos outros, a gente simplesmente quer uma moradia digna. A gente quer conviver, ter a nossa família, ser feliz. Ninguém merece viver do jeito que muitos viviam ali, em cima da lama, na faixa ali, correndo riscos. E eu peguei e disse: “Mãe eu vou”,



e a minha filha que mora do meu lado disse: “Sim, mãe, nós vamos” e daí preenchi os papéis pra a gente se mudar pra cá nessa primeira remessa e nós prontamente atendemos, nós vamos, sim. (Roda de Memória III, 2012).

“Mas a História não acabou nem a esperança morreu. Somos outro modo de ser, outro jeito, outra espera, outra vereda na universalidade do mesmo gênero humano e nas diferenças próprias da dinâmica histórica. O que sobrou do que nos tiraram é o que fecunda a nossa espera. Nossas privações são a nossa riqueza e nosso desafio. Mas, com as ferramentas da cópia nada construiremos e nada compreenderemos.”⁷



⁷ MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11.

MIRADAS A PARTIR DE DENTRO

“O correr da vida embrulha tudo, vida é assim:
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega
e depois desinquieta. O que ela quer da gente é
coragem”. Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 334.

Miradas

Olhares, espiados nas frestas entre tábuas que o asso-bio do vento atravessa, por onde a vida chega, sai e passa. Antes, um conjunto desordenado que se ordena conforme o filho que nasce, o filho que cresce, que casa, o filho que tem fi-lho. Jeito de quem tem e de quem é cujo princípio é a semente que germina, a nova horta para plantar, a criação de galinha, o nascimento de uma árvore. Miradas asfaltadas e embarradas carregadas nas carroças ou nas costas dos homens e das mu-lheres. Mulheres que já carregam filhos e lutas, palavra forte e poesia leve. Mulheres que transformam o amargo em doce, o limão em bergamota.



Daí trabalhei com esse se-nhor um bom tempo, daí o que eu pude tirar do meu suor, que eu trabalhava no lixo todo pra esse se-nhor, tirei um pedaço do terreno, daí eu disse pra ele – olhava pra Deus – “Quando esse pedaço de terreno vai ser meu?” ti-nha um pé de limão bem

na frente, hoje eu transformei ele num pé de bergamota. Do limão virou pé de bergamota, porque daí já veio as coisas boas na minha vida. (Roda de Memória II, 2011)

Moradas

Espaços sagrados de compartilhar laços, momentos, esperas, olhares, cuidados...



Espaço de entrar e sair, buscar e encontrar... pátio, quintal, horta, jardim, alma. Altares de cada família em cada foto de pai, de mãe, de santo, de terra distante. Migrantes e suas viagens, seus caminhos e jeitos de caminhar, jeitos de ser com os outros, parceiros de lida. Lida de penumbra e mil ligações de luz em emaranhados de fios.

O fios de varais que cruzam os quintais com panos coloridos, dançando entre as crianças. Morada é criança que nasce.

Até quando eu entrei aqui na casinha “Seja bem-vinda!”, eu comprei um quadro grandão e botei lá dentro, tá lá, bem na estante. As pessoas olham e falam: “Aí, botou num quadro, eu botei fora” ... eu não, peguei e botei num quadro. Aí a gente que gosta dessas coisas... aí eu penso: ‘Que coisa mais boa aparecer assim, ao invés de aparecer na página policial’. (Roda de Memória III, 2012)

Muradas

O que resta das histórias contadas, das histórias em rodas, cirandas, círculo, espiral do tempo... Hoje, espaço ordenado de concreto cinza como a poeira, a fumaça que vem do lixo, do avião, do carro que passa rente. Hoje, lugares de não-ir, lugares de não-ver. Mas, ainda assim, lugares de ser. Ser um contador, um cantador de canções de esperanças, canções de lutas e canções de recomeços. Vila Dique vira ciranda, roda de memória, varal de histórias, quintal de vida que nenhum muro é capaz de esconder.



Mas é que o povo daqui queria, queria, é por isso que aconteceu. Porque não adiantava ninguém de fora se o povo daqui não se mobilizasse, então o povo sempre se mobilizou, sempre. (Roda de Memória I, 2011)

SOBRE PARTIR... PASSAR...

Pois em trinta e um anos a gente quase acostuma.

(Albino, Roda de Memória III, 2012)

“Travessia perigosa, mas é a da vida”. Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 558.

“Do lugar onde estou já fui embora.”⁸



“[...] o espaço residual onde se encontram os sem abrigo e sem emprego de origens diversas: por toda a parte espaços inqualificáveis, em termos de lugar, acolhem, em princípio provisoriamente, aqueles que as necessidades do emprego, do desemprego, da miséria, da guerra ou da intolerância constroem à expatriação, à urbanização do pobre ou ao encarceramento”.⁹



⁸ BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 71.

⁹ AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da modernidade*, Lisboa: Bertrand, 1994.

Os deslocamentos impostos pela demografia e a economia, transformaram um “dique” em Vila, uniram de forma sincrética o urbano e o rural, mudaram a maneira de habitar, recompuseram o “lugar” no não lugar, dando novos ares à história, às identidades e ao social, como forma de sobrevivência.

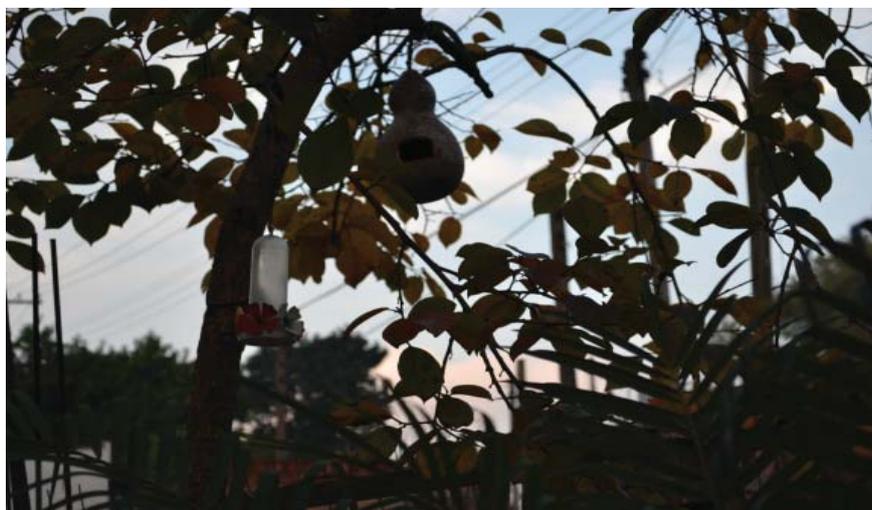
(...) a gente sente quando tem que sair de um lugar pro outro, mas a gente espera ir pro melhor, porque o melhor nunca dá pra rejeitar, porque todos estão atrás sempre, um na companhia do outro pra pegar o melhor, então eu acho que por isso que conseguimos ficar aqui até hoje, porque cada um fez a parte dele, se esforçando pra adquirir o melhor pra Vila. (Roda de Memória II, 2012)

Lá no Dique, a gente não podia conquistar nada. A gente não podia construir, não podia nada. Tava que aquilo nunca era nosso, que a gente ia sair. Então, agora é aqui que vamos conquistar alguma coisa. Agora aqui Deus ajude que fique pra nós. Lá sai hoje, sai amanhã, tu não podia conquistar nada. (Entrevista em 2012)



Eu vivi em outras casas antes de eu tá morando ali, mas ali foi uma vida, tive os filhos, cresceram ali – o meu guri chorou quando saiu de lá, quando botaram a patrola em cima – até apareceu no jornal ele com as mãos na cabeça quando botaram a patrola. (Roda de Memória III, 2012)

Eu tava louca pra sair dali, aquilo não é vida pra ninguém. E foi que a gente acabou saindo, e até muitas pessoas meio que disseram que não era pra eu sair, e eu achei estranho de ser a primeira. E eu disse assim: “Eu quero sair daqui, eu quero ter um lugar melhor pra eu morar”. E era perigoso, até por causa da violência que tava surgindo ali muito. Daí acabei vindo eu e a mãe pra cá e quando a gente veio pra cá a gente nem acreditava, ficamos deslumbradas. (Roda de Memória III, 2012)



Encontramo-nos nas passagens, porque a gente quase acostuma... mas nunca deixa de fluir. Ficam na memória – a conversa com o vizinho, as peraltices da infância, a terra pronta pra semente, a esperança do “vir a ser”... Agora, espaço e tempo já são outros, aquele, oniricamente lembrado, serve de inspiração para continuar a escrever uma história, tão diversa quanto os vários tons de voz e tão colorida quanto cada um souber pintar. O certo é que ela não acaba aqui nem agora.

SOBRE CHEGAR...

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 80.



“[...] Para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”.¹⁰

“O tempo humano, em resumo, permanecerá sempre rebelde tanto à implacável uniformidade como ao seccionamento rígido do tempo do relógio”.¹¹

O ir e vir desses homens e mulheres nos espaços da cidade, as voltas e reviravoltas em suas vidas, apontam para uma história de chegadas e partidas, de conquistas e derrotas, movimentos que longe de apontarem para o fim dessa história, nos apresentam um renovar de esperanças que, apesar de transitório, porque presente em muitos espaços por eles ocupados, é antes permanente, pois está incessantemente presente em todos os momentos de suas caminhadas. O que nos interessa não é nem o início, nem o fim, mas esse “meio” repleto de sensações e criações.

Então a gente lutou, desde 2005 até agora que a gente veio lutando, porque isso aí ainda não terminou... porque surgiram outros líderes que bateram de frente com a gente, queriam parar o projeto, queriam casas maiores, queriam terrenos e comércios maiores... que sinceramente eu acho que naquela época eles não estavam pensando no bem-estar das pessoas, inclusive eles queriam indenização. (Roda de Memória III, 2012)

¹⁰ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano. 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 142.

¹¹ BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 153.

[...] contanto que tu tenha o teu cantinho pra morar que não chova dentro, que não entre ratos como acontecia ali, correndo riscos, isso é muito importante pro ser humano – todo mundo merece ser feliz, e eu estou feliz. (Primeira moradora do Porto Novo, Roda de Memória III, 2012)

A casa, que tu pode ajeitar hoje, do jeito que tu quer, porque lá não dava pra arrumar nada e aqui é um lugar que tu sabe que é teu. Mas que assim, essa criançada aqui é pior do que lá, é. Criança, cachorro. Tem vizinho que bah!, tem dias que tu olha, e eles não querem que tu olhe pra eles. Eu pra morar não sou muito daqui. Pra mim que tem o hábito de bom-dia, boa-tarde e deu. Aqui já é muito assim, se tu não cumprimenta, se tu assa uma carne e não convida... É rádio, é gente que não te respeita, sobem essas escadas correndo, fazendo um barulhão. É rádio, é música. Eu não me acertei muito aqui, mas... (Entrevista em 2012)

Lá não tinha espaço pras crianças correr, caminhar, brincar, andar de bicicleta. Hoje tu vê as crianças soltas, andando de bicicleta nas calçadas por aí – as crianças não tinham onde brincar. (Roda de Memória III, 2012)

Tô faceira por estar na minha nova casa na Dique, que é essa melhoria que veio aqui pra cá pra nós. A gente brigou pra gente ter uma coisa melhor, só a única coisa que eu não tô gostando daqui, é por tanta briga que foi feita por essas casas e agora as pessoas estarem vendendo suas casinhas... (Roda de Memória III, 2012)

VILA DIQUE E PORTO NOVO: O RURAL E O URBANO

“Eu careço que o bom seja bom e o ruim, ruim,
que dum lado esteja o preto e do outro, o branco,
Que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria
longe da tristeza!

Quero os todos pastos demarcados... Como é que
posso com esse mundo?

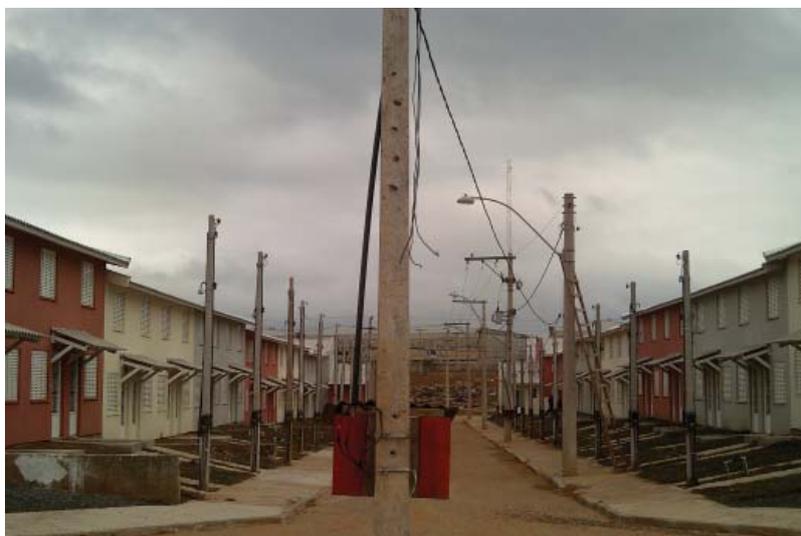
A vida é ingrata no macio de si; mas transtraza
esperança mesmo do meio do fel do desespero.
Ao que, este mundo é muito misturado...” Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 237.



A Vila Dique, com suas características extremamente rurais, é lembrada como um local onde era possível ter sua horta, pomar e criação de animais, onde uma cavalgada matinal não era prática estranha e pescar no rio Gravataí já havia sido possível. O dique escolhido para a nova morada propiciava que as raízes dos que vieram do interior germinassem, criando um espaço que remetia ao passado campestre.

Com a mudança para o Porto Novo, os moradores enxergam-se em um local completamente urbano. O concreto domina o espaço, e o verde quase não se mostra. Da mesma forma, as práticas, o cotidiano, os costumes se adaptam à nova realidade: a diversão dos jovens passa dos jogos de bola para a *lan house*, a horta se vê reduzida a um pequeno canteiro na frente de casa, e o barulho da chuva já não é mais ouvido da mesma forma.



Eu sou morador da antiga Dique, e daqui que pra mim tá bom mas sobre o meu lar eu não acho bom. Lá eu plantava, tinha toda a liberdade lá na chácara. Aqui tem tudo, não falta nada, eu sinto falta é da minha liberdade. Eu vivia melhor onde eu vivia por causa da plantação. [...] E nós plantava da Assis Brasil até a Sertório, tudo nós plantávamos lá atrás do Lindoia. Tinha tambo lá, o filho do dono da chácara que tinha tambo lá. Faz séculos. E eu me sentia bem. Chegava de manhã, ia pro campo, andava a cavalo, campereando. Aquilo pra mim era um lazer especial. Aqui tá ótimo mas já não tem essa parte, que é necessário. (Roda de Memória III, 2012)



É, a gente tem mais problema aqui do que lá. Os vizinhos brigam por causa de música, brigam as crianças.[...] Eu acho que aqui é mais perigoso. Aqui a gente ta morando numa rua que passa todo mundo. Lá não era né, lá era poucos. Aqui passa Viamão, Santa Rosa, Alvorada. Lá todo mundo se conhecia. Até pra o comércio não é bom ficar até muito tarde. [...] Aqui apareceu muito golpista. [...] Coisas que a gente não via muito lá no Dique. (Entrevista em 2012)

PORTO NOVO... VIDA
NOVA! VIDA NOVA?

“O que era isso, que a desordem da vida podia
sempre mais do que a gente?” Riobaldo

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 370.



Moro no Porto Novo, não é Dique mais! Mania de dizerem Dique, não é Dique, é Porto Novo. Dique ficou pra trás. (Roda de Memória III, 2012)

O processo de mudança, visto por alguns como um período de grandes dificuldades e readaptação a um espaço completamente diferente, é visto por outros como um passo em direção à melhoria de vida, com novas oportunidades e moradia em condições mais dignas. A nova casa em um local regularizado representa uma nova etapa na vida de muitos moradores. Ao mesmo tempo, novos problemas surgem, como as condições precárias de muitas casas (sem fiação elétrica e encanamento funcionais), a ausência do contrato assinado pela casa, a falta de um endereço para receber correspondência e de equipamentos sociais como escola e creche, entre outros.

É a vida na sua ambiguidade de sentimentos: saudade, nostalgia e esperança. E a luta por melhorias persiste.

Olho pra essas casas hoje, como ontem, vindo lá por cima e olhando lá de cima pra cá. Fiquei olhando e pensando: “Que imagem! Que diferença!” Chegou uma época da Dique que se tu fosse numa loja comprar uma cama, um guarda-roupa, qualquer coisa, tu comprava à vista, quando tu dizia da onde tu era: “A gente não entrega lá”.

Imagina o tipo de humilhação que a gente passou... Tinha o dinheiro pra pagar por uma coisa que tu quer e simplesmente ser condenada pela marca do nome do lugar onde tu mora. [...] Gente, a gente viveu cada história linda ali naquele Dique, mas viveu tanta amargura, tanta tristeza também, que hoje, eu acredito que do jeito que eu me sinto hoje, valeu a pena tudo isso, valeu a pena todo esse sofrimento, valeu a pena ter desgastado essas mulheres que lutaram junto comigo, que hoje elas também estão aqui, hoje elas também têm as famílias delas aqui. (Roda de Memória III, 2012)

Então eu acho que aqui é uma vida nova, um lugar novo. Já colocaram o nome de Porto Novo, então já dá pra se imaginar que tudo se pode começar de novo. Então eu aprovei aqui, foi muito aprovado eu poder morar aqui num lugar diferente. [...] Eu, da minha parte, não vou dizer que tô satisfeito, pois sempre tem que pensar algo melhor, mas eu aprovei o serviço. Gostei muito. (Roda de Memória III, 2012)

Quando a gente veio pra cá, a gente nem acreditava, ficou deslumbrada. Bom, maravilhoso, acho que assim, nunca teria condições de fazer uma casa pra mim assim, porque eu tô desempregada, trabalhando no galpão aqui e sozinha não tem como. Meus filhos adoraram, todo mundo adorou. [...] Graças a Deus tá tranquilo. Tem mortes, tiros, mas isso é normal em qualquer vila, bairro, isso aí vai de cada um, se tem um problema com alguém. Lá não tinha espaço pras crianças correr, caminhar, brincar, andar de bicicleta. Hoje tu vê as crianças soltas, andando de bicicleta nas calçadas por aí. (Roda de Memória III, 2012)

O que melhorou foi aquele barral, aqueles esgotos. Mas ratos tem bastante aqui que falaram que não ia ter e tem. Bah! Tem rato “desse” tamanho, guri! Acho que vêm pelo esgoto. Esses dias minha vizinha me chamou: “Jura, vem cá!” Fui ver tinha uns sete ratos, que eles andam pelas cercas! É que uns botam veneno e outros não botam. Mas assim, o negócio da limpeza também não mudou muito. (Entrevista em 2012)



Eu só acho, que tudo que eu vivenciei em 30 anos, morando na Dique... violência foi quando eu botei os pés aqui dentro. Pra mim foi uma violência, porque o que eu ganhei aqui foi uma violência. porque quando eu entrei dentro daquela casa, eu tive vontade de sumir. Agora eu estou mais feliz, mas quando eu entrei, e o cara disse: “Bem-vinda à casa nova!” eu tive vontade de dar um soco, eu disse pra ele: “Isso aqui não é casa!”, pra muitos é, pra quem morava em 1 por 1 é. Mas é injusto o que eles fi-

zeram e ainda dizer: “Bem-vinda, tu ganhou uma casa nova”, tá ali, chegou a prestação da casa – eu não ganhei, eu vou pagar. Aí tu vai no banheiro, no segundo dia se foi a caixinha de descarga – um dia pude usar a descarga, no outro, só de balde. Liga uma luz, nenhuma luz acende, isso pra mim foi pior do que a violência da Dique.



Violência eles fizeram com o pessoal. 10 mil é pouco pra começar a reformar, 10 mil é pouco. Aí eu fico pensando, a gente se preparou pra isso, e quem não se preparou? É horrível. Eu acho que eles estão sofrendo mais tortura aqui do que lá. Chega a prestação da casa, e tu não tem da onde tirar, chega a conta da luz e [...].
(Moradora da Vila Dique, encontro no Porto Novo, junho de 2012)

O TEMPO, O VENTO
E O AVIÃO



Abre-se a porteira do dia.
Cheiro de mato que se abre a foice e facão,
Memória e vereda que se construía
pra passar carroça, sonho, vento e avião.

Vem a tarde, crianças que correm-tempo,
Correm bola, correm estrada de chão.
Cheiros de porcos, galinhas, mato verde-vento,
Vento de voar lixo, levantar sonho, espalhar avião.

Chega a noite, homens voltam da pescaria,
Conversas nas ruas, histórias de assombração,
De novo o vento-memória no fim do dia.
Luta, cansaço, sonha em vento o avião.

Quantas vezes ela olha a flor no jardim!
Quantas vezes ele olha a plantação!
Vento que corre lágrima, recomeço sem fim,
Tempo-vento que sonha e faz chorar o avião.

Maria Amélia Medeiros Mano



“A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes”. p. 520

“Moço: toda saudade é uma espécie de velhice”. p. 56

“Viver é um descuido prosseguido”. p. 86

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*.

Mas eu não contei tudo. Fiz muita história mais por aí...

(Roda de Memória II, 2012)

Making-of

“Aprendi os momentos”. Riobaldo
ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 343.



[...] é isso aí, meninas, essa é a nossa história!

(Roda de Memória III, 2012)

A gente aqui tá falando a verdade. A nossa história, de cada um, pra vocês, é um pouco de cada um hoje. Mas é o bastante pra vocês poderem nos entender. Nós não tínhamos posto, nós vivíamos meio que escondidos ali, todos com a mesma história.

(Roda de Memórias II, 2012)

Participantes das Rodas de Memórias

Roda I:

Data: 04/06/2011 - **Horário:** 9h - **Local:** Clube de Mães da Vila Dique
Mediadora: Carmem Zeli de Vargas Gil - **Observadora:** Renata Soares Costa
Clori Araujo Pinheiro - trabalhou 8 anos na Vila Dique
Maria Helena Inácio - moradora há 18 anos na Vila Dique
Almerinda Argenta Gambin - moradora há 23 anos na Vila Dique
Marta Pontin - moradora há 15 anos na Vila Dique
Maria Nazário Pereira - moradora há 24 anos na Vila Dique
Sílvia da Costa Rechlizer - moradora há 24 anos na Vila Dique
Lúcia Rubleski Silveira - trabalhou 14 anos na Vila Dique
Albino Fischer - moradora há 31 anos na Vila Dique
Ana Maria Mota Fischer - moradora há 30 anos na Vila Dique

Roda II:

Data: 24/09/2011 - **Horário:** 9h 30min - **Local:** Posto de Saúde da Vila Dique
Mediadora: Amélia Medeiros Mano - **Observadora:** Gabriela Correa da Silva
Albino Fischer - morador há 31 anos na Vila Dique
Almerinda Argenta Gambin - moradora há 23 anos na Vila Dique
Ataides Machado - moradora há 23 anos na Vila Dique
Herculano Gonçalves Corrêa - moradora há 24 anos na Vila Dique
Maria Nazário Pereira - moradora há 24 anos na Vila Dique
Claudia Jane Ribeiro Ximendes - moradora há 32 anos na Vila Dique
Rosângela Terezinha Leal Oteral da Silva - moradora há 30 anos na Vila Dique
Maria Helena Inácio - moradora há 18 anos na Vila Dique

Roda III:

Data: 05/05/2012 - **Horário:** 9h 45min - **Local:** Posto de Saúde Porto Novo
Mediadora: Renata Soares Costa - **Observador:** Lourenço Teixeira
Almerinda Argenta Gambin - moradora há 23 anos na Vila Dique
Neivi Francisco Palenogare - moradora há 15 anos na Vila Dique
Antônio Gomes Fraga - moradora há 57 anos na Vila Dique
Iara Guedes de Deus - moradora há 13 anos na Vila Dique
Enedina Durão Espindola - moradora há 31 anos na Vila Dique
Ivanir Freitas Pires - moradora há 15 anos na Vila Dique
Oraides Rodrigues dos Santos - moradora há 31 anos na Vila Dique
Rosemara Rodrigues dos Santos - moradora há 35 anos na Vila Dique
Albino Fischer - morador há 31 anos na Vila Dique

Entrevistas:

Davi Lima, Juraci Vanacor da Silva, Lidia Ana Zanchet (Irmã Cristina), atuou na Vila Dique de 1989 a 2004 e Almerinda Gambin.

Imagens: - Acervo do Projeto Memórias da Vila Dique
- Acervo da Unidade de Saúde Santíssima Trindade
Gravuras: Flávio Scholles



Sem uma tela, não posso pintar um quadro. Sem uma casa, não se pode criar uma pessoa. Não se pode cobrar nada de uma pessoa que vive na favela, nós aqui no Rio Grande do Sul, temos a pior favela do Brasil, pois tem a umidade e o frio, são os campos de concentração contemporâneos. São as rebarbas, os restos de sistemas competitivos, que deveriam dar lugar a sistemas cooperativos e solidários.

Flávio Scholles, setembro de 2012